

CARTA DOS EDITORES CONVIDADOS

Histórias transculturais de psicoterapias: novas narrativas

Caros leitores,

Neste número especial investigamos histórias das psicoterapias. É possível encontrar o termo “psicoterapia” já em meados do século XIX. Médicos advindos de escolas diversas, como Tuke, Bernheim e Van Eeden começaram a utilizá-lo para definir terapias que buscavam o tratamento moral, curar automatismos, persuadir ou produzir catarse, afetando o corpo, a mente e o subconsciente. No início do século XX, a palavra ganhou maior espaço de circulação, sendo adotada por autores como Dubois, Janet, Forel, Jaspers e Jung, que passaram a buscar afetar comportamentos e o inconsciente. O termo ganhou ainda maior notoriedade e diversidade no pós-Segunda Guerra Mundial, passando a ser adotado por autores de referência psicanalítica, do gestaltismo, da escola existencial e mesmo por autores provenientes de referenciais cognitivo-comportamentais (Borch-Jacobsen, 2009). No mundo contemporâneo, e apesar da falta de consenso sobre o seu significado, as psicoterapias ganharam um papel ainda mais central para as definições dos sujeitos, impactando os conceitos de sofrimento e de bem-estar psicológico e a ideia de identidade, sendo possível afirmar que conformamos hoje culturas e sociedades psicoterápicas (Shamdasani, 2017).

Este número especial apresenta diferentes histórias das psicoterapias, considerando que a expressão conforma um conjunto de práticas, historicamente situadas, que incorporam e produzem valores culturais específicos que precisam ser investigadas em termos de circulação, troca e deslocamento de uma rede de práticas conectadas em diferentes domínios (Subrahmanyam, 2004). A proposta advém de debates desenvolvidos no interior de um grupo internacional coordenado pelo professor Sonu Shamdasani (University College London, UCL) que vem se encontrando anualmente desde 2016 (recentemente apenas *online*), com apoio da UCL Global Engagement Office. Desde 2019, o tema ganhou nova institucionalização, por meio de um “Memorandum of Understanding” entre a UCL e a Fundação Oswaldo Cruz. A partir dessas trocas, novos membros foram incorporados ao grupo, que é composto por psicólogos, psicanalistas, historiadores e filósofos de países da América Latina, da Ásia, da Europa e dos EUA.

O artigo de Sonu Shamdasani abre o número. Seu trabalho reflete sobre o desenvolvimento da perspectiva transcultural da história das psicoterapias. Analisando a historiografia sobre o tema, o autor aponta os limites de estudos que pensam as psicoterapias em termos universalistas, propondo ser o reconhecimento dos aspectos culturais e temporais nas psicoterapias ocidentais o que permite compreender as suas apropriações em contextos culturais radicalmente diferentes, em formas de redes recíprocas de troca.

<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702022000500001>



Em seu trabalho, Cristiana Facchinetti analisa as interpretações médico-mentais acerca das relações entre arte e loucura em um hospital psiquiátrico brasileiro no século XIX e seu uso psicoterapêutico. A partir de fontes primárias, o artigo discute as razões pelas quais tais manifestações e as psicoterapias produzidas a partir delas foram em grande parte esquecidas pela historiografia, que geralmente aponta o nascimento da relação entre arte e terapia no país apenas na década de 1940.

O historiador Akihito Suzuki discute as apropriações da psiquiatria no Japão no segundo quartel do século XX. Em especial, seu texto se dedica a investigar o tratamento psicoterápico de pacientes hospitalizados no período, numa estratégia de análise que investiga as complexidades do encontro das práticas clínicas hospitalares e da cultura japonesa com os imigrantes coreanos internados nessas instituições, sublinhando as questões decorrentes desses (des)encontros culturais.

Suzanne Nortier Hollman, por sua vez, indica o modo como a psicanálise foi apropriada por uma instituição psiquiátrica estadunidense ainda nos primeiros anos do século XX, antes mesmo da visita de Sigmund Freud aos EUA, em 1909. Examinando a documentação institucional, ela demonstra que as práticas psicoterápicas então utilizadas incluíram um amplo grupo de pacientes, não limitando sua prática em termos de educação formal, classe ou diagnóstico, como a psicanálise foi posteriormente apropriada naquele país.

Renato Foschi e Andrea Romano, por sua vez, investigam a entrada da psicanálise na Itália a partir do século XX, desvinculada do controle das sociedades psicanalíticas e sob influência da psicologia experimental italiana, que a introduziu no país. Os autores demonstram como a psicanálise se converteu, por meio desse referencial, em um ponto de partida para o desenvolvimento de diferentes tipos de psicoterapias ao longo do século XX.

O artigo seguinte trata da história da arteterapia. Jelena Martinovic discute seu processo de profissionalização no pós-guerra em Inglaterra, França, Alemanha e Suíça, para demonstrar como e em que medida a arteterapia se envolveu com a aplicação de drogas que alteram a mente, em especial o LSD, contextualizando também os estudos de criatividade no pós-guerra e demonstrando como eles evoluíram em relação à arteterapia, sublinhando sua relação conflituosa com a arte psiquiátrica no período.

Marco Innamorati trata dos diferentes modos pelos quais as teorias freudiana, junguiana e psicodinâmica (ou psicoterapêutica) tratam a recusa da interpretação por parte do paciente. Em seguida, compara essas interpretações com as abordagens de outras psicoterapias, como a terapia cognitivo-comportamental e a terapia familiar. Seguindo diferentes ontologias e significados de verdade implícitos nas diferentes teorias, o autor centra-se no debate sobre o que é a psicoterapia e em seus fundamentos.

Fechando os trabalhos do grupo, o artigo de Ulrich Koch situa o surgimento e a evolução de técnicas psicoterapêuticas que visam estabelecer, manter e controlar uma relação transformadora entre terapeuta e paciente no amplo contexto de mudanças nas relações sociais e políticas no século XX, chamando atenção para o estreito vínculo que os processos terapêuticos e suas regulações guardam com o contexto social mais amplo.

O número especial conta também com outros três artigos de autores latino-americanos extremamente interligados ao tema da transculturalidade.

Analisando o caso argentino das terapêuticas mecânicas e de seu impacto sobre o psiquismo, bem de acordo com as perspectivas teóricas do entreguerras, José Ignacio Allevi estuda o caso da circulação do tratamento de choque em Rosário, Argentina, destacando as questões locais que permitiram sua apropriação e as especificidades dela decorrentes.

Debatendo o impacto do fim da Segunda Guerra Mundial no Brasil, Guilherme Marques e Carolina Carvalho tratam da atuação da psiquiatria local em um contexto em que a saúde mental buscava ganhar legitimidade na seleção de imigrantes, sob a chave de leitura dos traumas de guerra. Investigam o modo como as teorias que circulavam então foram ajustadas aos interesses e ao contexto do pós-guerra.

Finalmente, Carla Ribeiro Guedes, Vanessa Maia Rangel e Kenneth Rochel de Camargo Jr. historicizam a formação de um campo disciplinar no Brasil, o da “medicina psicossomática”, ou “psicologia médica”, organizado pelo médico e psicanalista Julio de Mello Filho (1933-2018). Discutem ainda os caminhos que o campo foi tomando diante de novas conjunturas político-científicas e que culminaram em seu afastamento do campo psiquiátrico e sua aproximação ao campo da psicologia da saúde.

Como podem ver, os artigos aqui reunidos fornecem amplo subsídio para uma apreciação crítica da circulação transcultural dos conhecimentos e práticas psicoterápicas na Argentina, no Brasil, nos EUA, na Itália, no Japão e na Suíça, além de incluir debates sobre seus fundamentos e verdade.

Desejamos uma boa leitura!

REFERÊNCIAS

BORCH-JACOBSEN, Mikkel. *Making minds and madness: from hysteria to depression*, Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

SHAMDASANI, Sonu. Psychotherapy in society: historical reflections. In: Eghigian, Greg (ed.). *The Routledge history of madness and mental health*. London: Routledge, 2017. p.363-378.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. *Explorations in connected history: from the Tagus to the Ganges*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

*Sonu Shamdasani*ⁱ

ⁱ Health Humanities Centre/University College London.
London – United Kingdom
orcid.org/0000-0002-8729-8385

*Cristiana Facchinetti*ⁱⁱ

ⁱⁱ Programa de Pós-graduação de História das Ciências e da Saúde/
Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz.
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
orcid.org/0000-0003-4879-0307